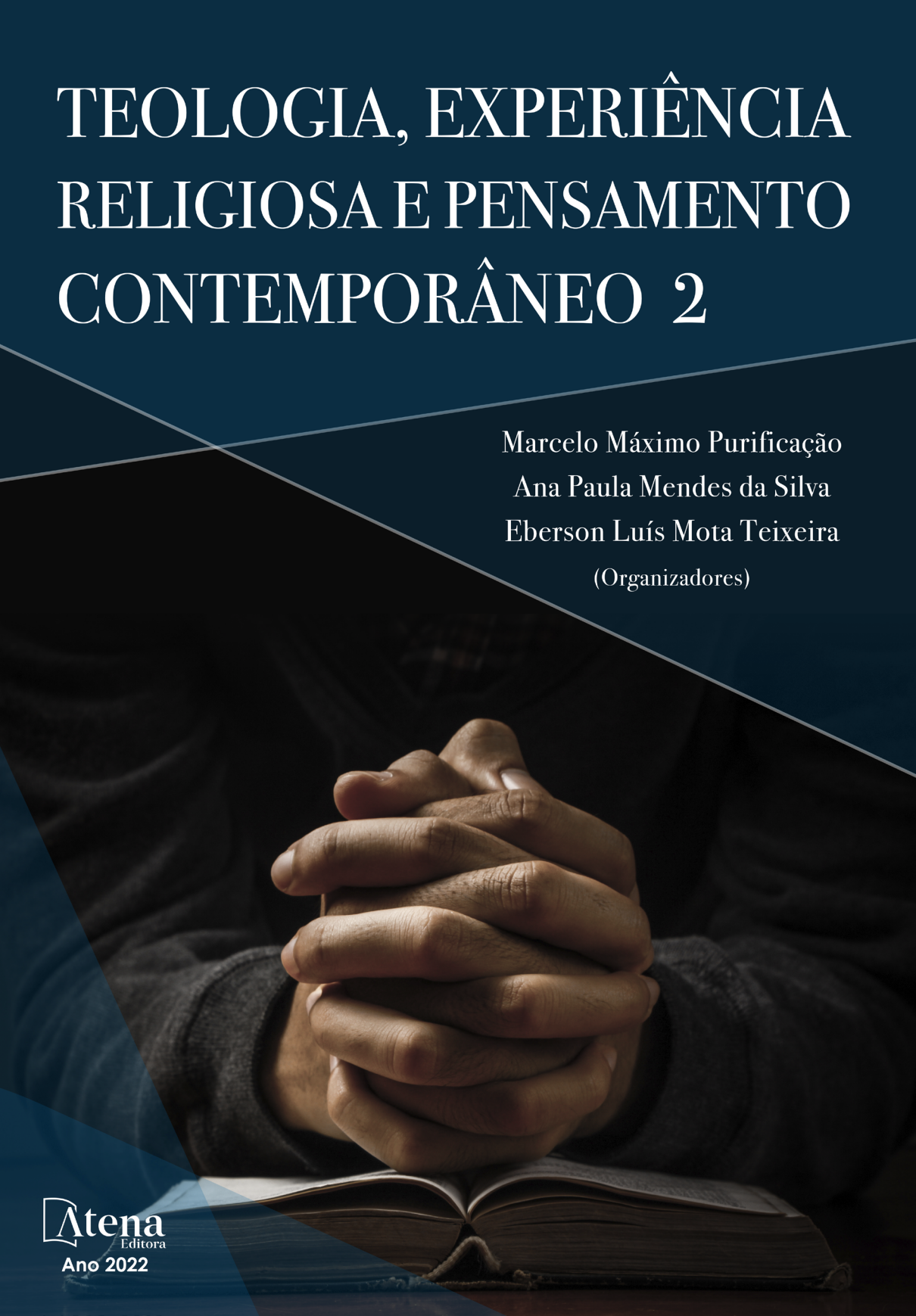


TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO 2

Marcelo Máximo Purificação
Ana Paula Mendes da Silva
Eberson Luís Mota Teixeira
(Organizadores)



TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO 2

Marcelo Máximo Purificação
Ana Paula Mendes da Silva
Eberson Luís Mota Teixeira
(Organizadores)

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kápio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
 Ana Paula Mendes da Silva
 Eberson Luís Mota Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
T314	<p>Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Ana Paula Mendes da Silva, Eberson Luís Mota Teixeira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0857-4 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.574220612</p> <p>1. Teologia. 2. Religião. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Silva, Ana Paula Mendes da (Organizadora). III. Teixeira, Eberson Luís Mota (Organizador). IV. Título. CDD 215</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil
 Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.








DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Caros leitores, saudação.

Apresentamos a obra “Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo 2”, estruturada em 7 capítulos teóricos, que aproximam teologia e experiência religiosa do engajamento com o sagrado, chamando a atenção para questões que aproximam o campo essencial do sentido. No primeiro capítulo, Ronaldo Emiliano de Miranda, a partir da pesquisa documental propõe, investigar e a analisar a religião do Santo Daime, Religião da Floresta, fundada em 1930, pelo maranhense Raimundo Irineu Serra até o seu desenvolvimento atual. O segundo capítulo, os autores Rodrigo Freire dos Santos Alencar e João Luiz Marcon, buscam analisar o conceito ético de Apocalipse 14:12, procurando compreender seu fundamento com estudo do contexto histórico e literário, alisa-se exegeticamente e estabelece-se a teologia do conceito ético. O terceiro capítulo, José Frederico Sardinha Franco, traz a análise da inserção da morte $\eta\eta\eta$ mot como punição aos adeptos da homossexualidade em meio ao discurso de Levítico 20,13, que contraria substancialmente o mandamento da lei mosaica que proíbe a morte no enunciado de Êxodo 20,13 “não matarás”. No quarto capítulo, Danielle Aparecida Arruda, procura analisar as relações entre a religião prescrita e a religião praticada no interior do movimento de Reforma Católica Ultramontana entre os anos de 1890 e 1958 na cidade de Juiz de Fora, estado de Minas Gerais. Dilce Maria Stochero Buriol, no quinto capítulo, faz um breve histórico sobre a vinda dos imigrantes italianos para o Rio Grande do Sul, mais precisamente para a região central do Estado, que hoje corresponde a região da Quarta Colônia. Na sequência, no sexto capítulo, Elenice Fatima de Oliveira Folha, traz o texto - o evangelho de Mateus, a nova vida e a ruptura com as tradições do judaísmo – apresentando esse evangelho como um importante documento da fé cristã refletindo um período histórico decisivo para esses dois seguimentos. No sétimo capítulo, Maurício Ferreira Santana é o entrevistador tanto de uma entidade quanto do médium que a recebe e busca, problematizar se esta imbricação pode ser considerada como uma dupla camada de representação do real. Portanto, um livro com muitas frentes de diálogos que permeiam a teologia e a experiência religiosa, numa perspectiva plural, podendo assim, contribuir para um alargamento de reflexões acerca da temática. Desejamos a todos boa leitura e boas reflexões.

Marcelo Máximo Purificação
Ana Paula Mendes da Silva
Eberson Luís Mota Teixeira

CAPÍTULO 1	1
INTOLERÂNCIA RELIGIOSA: UM ESTUDO SOBRE A UTILIZAÇÃO POLÊMICA DA AYAHUASCA, CHÁ XAMÂNICO MILENAR, NOS RITUAIS DAIMISTAS	
Ronaldo Emiliano de Miranda	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5742206121	
CAPÍTULO 2	11
ESTUDO DO CONCEITO ÉTICO NO LIVRO DE APOCALIPSE CAPÍTULO 14:12	
Rodrigo Freire dos Santos Alencar	
João Luiz Marcon	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5742206122	
CAPÍTULO 3	25
A APLICAÇÃO DA MORTE מִן מוֹת NO DISCURSO DA HOMOSSEXUALIDADE EM LEVÍTICO 20,13	
José Frederico Sardinha Franco	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5742206123	
CAPÍTULO 4	31
A EDUCAÇÃO CATÓLICA NO PERÍODO DE REFORMA ULTRAMONTANA EM JUIZ DE FORA/MINAS GERAIS	
Danielle Aparecida Arruda	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5742206124	
CAPÍTULO 5	38
A RELIGIOSIDADE E AS FONTES HISTÓRICAS NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA EM SÃO JOÃO DO POLÉSINE, RS	
Dilce Maria Stochero Buriol	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5742206125	
CAPÍTULO 6	51
O EVANGELHO DE MATEUS, A NOVA VIDA E A RUPTURA COM AS TRADIÇÕES DO JUDAÍSMO	
Elenice Fatima de Oliveira Folha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5742206126	
CAPÍTULO 7	61
UMA DUPLA REPRESENTAÇÃO DO REAL EM “DIÁLOGO COM OS ESPÍRITOS”	
Maurício Ferreira Santana	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5742206127	
SOBRE OS ORGANIZADORES	74
ÍNDICE REMISSIVO	76

A APLICAÇÃO DA MORTE מִיָּת מוֹת NO DISCURSO DA HOMOSSEXUALIDADE EM LEVÍTICO 20,13

Data de aceite: 29/11/2022

José Frederico Sardinha Franco

Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás PUC Goiás

RESUMO: A construção desta pesquisa se dará na análise da inserção da morte מִיָּת *mot* como punição aos adeptos da homossexualidade em meio ao discurso de Levítico 20,13, que contraria substancialmente o mandamento da lei mosaica que proíbe a morte no enunciado de Êxodo 20,13 “não matarás”. A nossa proposta inicial, está em descobrir os motivos que levaram os redatores a inclusão da morte como punição aos praticantes da homossexualidade no período do pós-exílio babilônico. Desta forma, utilizaremos como metodologia de estudo, a pesquisa bibliográfica, desenvolvida com base em materiais já publicados, a Bíblia Hebraica *Stuttgartensia* (1997) que contribuirá na tradução e análise de textos Sagrados e a utilização da Bíblia de Jerusalém (1991) que nos ajudará na coleta e no registro dos dados pertinentes ao recorte a ser pesquisado. Esperamos obter o entendimento em relação a contradição encontrada que ora

proíbe e ora ordena (morte) nos discursos antagônicos desordenados entre si. Esperamos em poder contribuir com a construção exegética deste texto que se utiliza de práticas terríveis aos padrões de entendimento da pós-modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: Morte, Homossexualidade, Êxodo, Levítico, Pós-exílio.

ABSTRACT: The construction of this research will take place in the analysis of the insertion of death מִיָּת *mot* as a punishment for the supporters of homosexuality in the midst of the speech of Leviticus 20,13, which substantially contradicts the commandment of the Mosaic law that prohibits death in the statement of Exodus 20, 13 “thou shalt not kill”. Our initial proposal is to discover the reasons that led the writers to include death as a punishment for practitioners of homosexuality in the post-Babylonian exile period. In this way, we will use as a study methodology, the bibliographic research, developed based on materials already published, the Bible Hebraica *Stuttgartensia* (1997) that will contribute to the translation and analysis of Sacred texts and the use of the Jerusalem Bible (1991) that will help us in the collection and recording of data

relevant to the clipping to be researched. We hope to obtain an understanding in relation to the contradiction found that sometimes prohibits and sometimes orders (death) in the antagonistic discourses disordered among themselves. We hope to be able to contribute to the exegetical construction of this text that uses terrible practices to the standards of understanding of postmodernity.

KEYWORDS: Death, Homosexuality, Exodus, Leviticus, Post-exile.

1 | INTRODUÇÃO

A morte $\mu\eta\tau$ *mot* é uma experiência bem presente entre os indivíduos, o problema é que ninguém pode ser capaz de testemunhar e descrever esta realidade¹. Ela é parte essencial de nossa vida e prevista desde o nosso nascimento. Desta forma, não podemos evitar fatos que estão ligados diretamente à nossa vida futura, como doenças, fatalidades, problemas ou dissoluções, mas convictos de que um dia com certeza todos nós morreremos. Certos de que a morte permeia nossos pensamentos e, a fim de afugentá-la de nós, percebemos a repulsa existente em relação a esta. Afinal, uma coisa é certa, a existência da morte está vinculada à perda da vida, e a existência da vida na inexistência da morte.

Esta pesquisa não se preocupa em desvendar os mistérios que a morte nos proporcionam e tão pouco tentará descobrir a verdade da sua afirmação, contudo, a nossa proposta está em compreender o que se entende por morte no período do pós-exílio babilônico e a sua influência na descrição do recorte de Levítico 20,13.

Epicuro² afirma que a morte não é nada para nós porque quando existimos não existe a morte e quando existe a morte, não existimos mais. A sua análise em relação a morte avança em seu discurso filosófico ao dizer que: “a morte não é nada nem para os vivos e nem para os mortos, porque para os vivos ela não existe, e os mortos não existem mais, portanto não há nada a temer” (FEITOSA; MIRANDA; NEVES, 2014, p.174).

2 | A MORTE $\mu\eta\tau$ *MOT* NO ANTIGO NO ORIENTE PRÓXIMO ANTIGO E EM LEVÍTICO 20,13

A fim de analisar a morte relatada no recorte de Levítico 20,13 propomos o estudo dos tempos antigos, a partir de regiões como Egito, Mesopotâmia (Babilônia/Persa) e

1 O entendimento hodierno da morte é de algo terrível, os funerais são carregados de tristeza e temor, o morto é tratado como a sua maior vítima. O que pretendemos com esta análise é de aproximar o entendimento que se dá da morte no pós-exílio babilônico em relação a nossa compreensão contemporânea da mesma.

2 Epicuro viveu a maior parte de sua vida em Atenas, período de grande pobreza e miséria em torno de 300 a.C. Ninguém sabe ao certo aonde ele nasceu. O seu nome grego significa: (o auxiliador, aquele que socorre e que defende). Este nome foi escolhido propositalmente pelos seus pais que veio a fazer jus ao seu destino: ser, tal como as Erínias (as deusas auxiliares [*epikouroi*] de Dikê, da justiça), o auxiliador (*epikouros*) da vida humana feliz e prazerosa. A morte física seria o fim do corpo (e do indivíduo), que era entendido como somatório de carne e alma, pela desintegração completa dos átomos que o constituem. Desta forma, os átomos, eternos e indestrutíveis, estariam livres para constituir outros corpos. Essa teoria, exaustivamente trabalhada, tinha a finalidade de explicar todos os fenômenos naturais conhecidos ou ainda não e principalmente extirpar os maiores medos humanos: o medo da morte e o medo dos deuses. SPINELLI, Miguel. *Epicuro e as bases do epicurismo*. Pia Sociedade de São Paulo: Editora Paulus, 2014.

Canaã por fazerem parte do entendimento cognitivo da “morte” na comunidade do pós-exílio, e de suas influências na construção da mensagem em Levítico 20,13.

A morte em Canaã foi influenciada pela mitologia ugarítica³, representada pelo mito de combate que relatava a morte de *Baal* (o deus principal) por *Mot* (deus da morte). Conforme o mito, Baal pôde ser trazido de volta a vida ou reviver por si mesmo, dependendo da versão. Quando os canaanitas morriam, pensava-se que seu elemento vital *nefesh* “espírito” deixava o corpo, não cessando totalmente a vida que continuava em um outro lugar (o reino de *Mot*) igualmente na forma precária encontrada nas concepções mesopotâmicas (SOARES, 2006, pp.27,28).

Na análise conceitual de Elizangela A. Soares (2006, p.29) não se encontram evidências em Canaã de recompensa ou de julgamentos que pudessem ritualmente ser celebrados, mas percebe-se a existência de rituais que pudessem melhorar seu estado no mundo inferior (*Mot*). O ápice destes cultos se dava mediante à apresentações cerimoniais orgásticas e que eram acompanhadas de grandes banquetes *marzeah* ou *marzih*, a fim de acalmar os mortos. Ser comemorados ou homenageados nos *marzih* podia ser o mais próximo que os mortos cananeus podiam chegar de alguma fortuna após a morte. *Mot* é relatado por Robert Alter e Frank Kermode (1997, p. 599) por possuir um lábio na terra e outro lábio no céu, e quando a pessoa morre é então engolida por *Mot*, e assim desce ao reino dos mortos⁴.

De acordo com Rodrigo Feliciano Caputo (2008, p. 74) os sepultamentos na Babilônia se davam mediante a inserção dos pertences junto ao corpo do morto como roupas, objetos de uso pessoal e até mesmo a sua comida favorita, atestando que nada faltaria na travessia do mundo da vida para o mundo da morte, representando o entendimento de passagem para os mesopotâmios.

A mesopotâmia está arraigada de mitos que sustentam as suas posições em relação a morte, nesta perspectiva, Elizangela A. Soares (2006, p. 26) vem a completar esta análise ao afirmar que basicamente todos os mitos mesopotâmicos falam de deuses que voltam à vida. Mas em relação à humanidade não havia espaço para a imortalidade, pelo menos não de uma imortalidade proposta de prazeres como preceituada na narrativa de Gilgamesh:

Gilgamesh, para onde corres? A vida que persegues, não a encontrarás.
Quando os deuses criaram a humanidade, foi a morte que lhe reservaram;
a vida, retiveram-na para si, entre as próprias mãos. Tu Gilgamesh, que teu ventre seja saciado, dia e noite; regozija-te, todo dia, faz a festa, dia e noite,

3 A mitologia ugarítica é salpicada de embates entre El e Baal e entre este e seus opositores. Um dos exemplos mais famosos é a luta travada contra Yam, divindade aquática (o mar) que, encorajada por El, quis expulsar Baal do trono. Um outro exemplo fica por conta do mito de combate contra outro descendente de El, Mot, deus da seca e da morte, e seu aliado Lothan (literalmente o animal que se retorce, cognato com o Leviatã em hebraico). Neste combate, Baal, aceita o convite de Mot para ir até o Mundo Inferior, morre. Anat sepulta-o e vai ao encontro de Mot, a quem o pulveriza, retalhando-o, esmagando-o, triturando-o e depois o espalha pelos campos para ser comido por pássaros. Na sequência do mito, Baal ressuscita, em algumas versões é Anat quem encontra seu corpo e o traz de volta a vida; noutras é o próprio Baal quem, sozinho, vence Mot e retorna ao seu reino. (SOARES, Op. Cit., pp. 27,28).

4 São encontrados relatos semelhantes em multiplicidades de textos em toda a extensão da Bíblia Sagrada: (Mm 16,30; 32,33; Hab. 2,5; Si 5,14; Ez 32,29; Sl 20,1; 88,5-6; Pr 1,12).

dana e toca música; que as tuas roupas estejam imaculadas, a cabeça bem lavada, banha-te com muita água; contempla a criança que te dá a mão, que a bem-amada se regozije em teu seio! [...], essa a ocupação da humanidade (*Epopeia de Gilgamesh*⁵, *tabuleta X*).

Os Persas criam na existência de uma vida na pós-morte, o corpo era considerado como algo impuro e condoído para as torres do silêncio para serem devorados pelas aves de rapina, a alma deveria cruzar uma enorme ponte suspensa sobre o abismo, a fim que o mal caísse nas profundezas, e que o bom pudesse ultrapassá-la. Desta forma, podemos afirmar que os Persas Criam na ressurreição dos mortos (WEISS, 1998, p. 54).

Segundo Perez (1997) os egípcios assim como os Persas acreditam na vida pós morte, e que a alma dos mortos habitava no mundo subterrâneo denominada *Duat*⁶. Acreditava-se que os seus corpos poderiam ser usados no outro mundo (mumificação), que servia como preservação do corpo. Suas posses, eram colocadas junto ao cadáver tais como a crença dos babilônicos.

O Livro dos Mortos servia como escudo de proteção, contudo, faraós ou reis do Antigo e Médio Império, eram sepultados nas pirâmides de pedra maciça para que atingissem a vida eterna. Segundo relatos da história, acreditava-se que o ser humano era composto da parte corpórea e de dois elementos espirituais que guardavam a independência do corpo. Criam que o espírito (parte imaterial) seguia na outra vida, fazendo uma estreita conexão com o corpo, exercendo assim, as mesmas atividades exercidas na Terra. (PEREZ, 1997).

Baseada nos relatos de Elizangela A. Soares (2006, p. 32) pouco mais de três séculos e meio (960-587 a.E.C.) no período do Primeiro Templo, os judaítas não criam na existência de uma vida pós morte, para os Judaítas, a morte⁷ representava o fim de tudo, do qual não se podia fugir e para além do qual nada deveria ser esperado. Esta prática provavelmente sofrera influencias pela proximidade dos povos cananeus (*Mot*) no período do Êxodo (1447 a.C.) ou talvez pelos vizinhos babilônicos (*Nergal e Ershkigal*).

Esta concepção foi mudando, e no período do pós-exílio babilônio os povos semitas já participavam da ideia da existência de vida na pós-morte, provavelmente influenciados pela cultura Egípcia, devido a fuga de alguns judaítas para o Egito no período do exílio babilônico (598/539 a.C.) (MARINHO, 2016, p.40). O mais provável é que os judaítas assimilaram as concepções religiosas Persas de vida pós morte, como céu e inferno, e

5 A *Epopeia de Gilgamesh* é um antigo poema épico da Mesopotâmia (atual Iraque), uma das primeiras obras conhecidas da literatura mundial, é um grande poema, que é constituído por doze placas de escrita cuneiforme, cada uma contendo 300 versos ou mais. ZILBERMAN, Regina. Nos princípios da epopeia: Gilgamesh. *III jornada de estudos do Oriente Antigo: línguas, escritas e imaginários*, p. 57, 1998.

6 Na *mitologia egípcia*, *Duat* é o submundo, é uma vasta área sob a Terra, é o reino do deus Osíris e da residência de outros deuses e seres sobrenaturais. O que sabemos do *Duat* principalmente deriva de textos funerários, tais como *Livro de Gates*, *Livro das Cavernas*, *Textos Amduat* e o *Livro dos mortos*.

7 Existem algumas expressões em relação a morte inseridas na Bíblia Hebraica como a palavra grega *haides* "hades" (inferno) "habitação dos mortos, sepulcro". No hebraico encontra-se a palavra *She'ol* "Sheol" que significa "túmulo, cova". A expressão grega *géenna* "geena" (uma forma grega do termo hebraico "Vale de Hinom") é um local de purificação ou punição espiritual para os mortos maus e não é chamado no judaísmo de "Inferno", e sim por *Gehinnom*. KAPELINSKI, Igor. *Morte*. Clube dos Autores. 2015, p.358.

do julgamento no dia do juízo, com o aniquilamento dos maus e vida próspera aos justos⁸.

Provavelmente, estes acontecimentos se deram em um período de êxtase e alegria, em meio a liberdade promovida por de Ciro (539 a.C.) autorizando o regresso à Judá para reconstrução o Templo. A gratidão da liberdade era tamanha que Ciro II recebe o título de “ungido de Yahweh”, mesmo não conhecendo Yahweh: “embora não me conheças, eu te cinjo” (Is 45,5b). A alegria era tão imensa que passaram a comparar Ciro como o sucessor de Moisés.

A partir do pós-exílio, o relato da existência de uma vida na pós-morte passa a ser uma norma entre os judaítas e que não parece ter alcançado a todos, visto que o discurso apresentado em Levítico 20,13 foi idealizado pela comunidade sacerdotal (*Golah*⁹) sendo Levítico um escrito (P), e direcionado aos *autóctones*¹⁰ para que pudessem se separar dos costumes dos povos vizinhos (Lv 20,23). A teologia levítica visava a integração dos *autóctones* no contexto familiar adquirida no exílio babilônico pelos *Golah*, em que a morte passa a ser a normativa maior na aplicação deste discurso.

Talvez, o redator final em meio a euforia da liberdade, da gratidão de Ciro e do novo entendimento em relação a morte, passa a fazer a relação entre inferno e exílio, retratadas no aprisionadas recebendo os mais severos castigos. Em suma, o termo “a morte cairá sobre eles” representa “eles serão levados ao exílio espiritual (inferno)” e que, nunca mais saíram de lá. Além disso, o exílio aparece como punição nos relatos em Gn. 2,17b “[...] certamente morrerás” e que em Gn 3,23 leva a expulsão do homem do paraíso.

Percebe-se que a morte retratada em Levítico 20,13 se difere dos relatos da lei mosaica. Desta forma o verbo morte¹¹ רצח *ratsach* destacada em Êxodo 20,13 é usado neste mandamento tem como raiz *rsh* cujo significado é “matar”. O verbo é de origem aramaica *qatal* “matar, derramar sangue, executar” (Jó 24,14). Um animal nunca é objeto do verbo *ratsach*, mostrando que o significado básico deste verbo é a morte do ser humano numa condição normal de vida Frank Cruseman (pp. 56-59 *apud SIQUEIRA, 2005, p. 110*).

A palavra hebraica que significa morte em Lv 20,13 é מות *mōwt* “morrer” de causas naturais ou outros; (Gn 25,17; 36,33; 2Sm 19,11; Nm 14,37; 35,17) [...], morrer como penalidade, condenados à morte (Gn 42,20; Êx 10,28; 21,14; Lv 20,20; Dt 22,22-25; 19,12; 24,7) [...], possui todavia cinquenta e uma ocorrências em toda a extensão da Bíblia

8 As noções escatológicas persas que teriam influenciado a apocalíptica judaica em RUSSELL, D. S. *The Method and Message of Jewish Apocalyptic*. Philadelphia: The Westminster Press, 1964. p.19, e em SHAKED, Shaul. *Ibid.*, p.314. Entre essas noções está a ideia da ressurreição individual, possivelmente também corporal, seguida de um julgamento universal. Para uma visão geral da escatologia do Avesta, cf. MÜLLER, Friedrich Max. “The Eschatology of the Avesta”. In: *Theosophy or Psychological Religion*. Montana: Kessinger, 2007. pp.177-207.

9 *Golah* é uma expressão utilizadas aos judaítas que foram deportados à babilônia no período do pós-exílio.

10 Este termo *autóctones* é utilizado para descrever os povos que permaneceram na terra durante o pós-exílio da Babilônia.

11 O nosso interesse é conhecer, de perto, o sentido da raiz hebraica *rsh* comparando-o com o uso dos outros verbos do seu campo semântico. Fazem parte deste campo os seguintes verbos: *mut* (hifil, morrer (Nm 35,19,21); *harag*, matar (Sl 94,6). Todos estes três verbos têm o significado de “matar”, no sentido mais amplo. Todavia, o verbo *rasah* nunca é usado para designar uma ação de Deus, bem como a matança de animais e suicídio (apesar de Nm 35,30) SIQUEIRA Op. Cit., 2005, p.110.

Hebraica. Semelhantemente a este termo, permeado no mesmo recorte (20:13), verifica-se a utilização de uma palavra semelhante à anterior, מָוַת · *yūmāṭū* que em português significa “morrer”, “morte”. Esta palavra possui apenas 4 ocorrências em toda a Bíblia hebraica (Lv 20,13; 20,16; 20,27; Dt 24,16) e todas estas, relacionadas à “morte” (matança ou assassinato).

A morte רָצַח *ratsach* inserida no recorte de Êxodo 20,13 representa a morte sangrenta desnecessária, praticada pelo mero prazer, representada pela violência dos povos semitas e proibida pela lei mosaica à sua própria existência, ao passo que a morte מָוַת *mōwṭ* descrita no excerto de Levítico 20,13 representa o perigo do não cumprimento da lei, podendo levar ao desaparecimento de todos os judaítas promovido pela idolatria. Percebe-se que nos dois relatos a morte representa a vida, e que a sua utilização é de ordem progressiva. Assim, a descrição neotestamentária da morte é reinterpretada por Jesus (Mt 5,22) confirmando que os relatos da Bíblia Sagrada são de ordem progressiva.

REFERÊNCIAS

ALTER, Robert; KERMODE, Frank. *Guia Literário da Bíblia*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Fundação Editora UNESP. 1997.

Bíblia Hebraica Stuttgartensia. Editio quinta emendata. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

BÍBLIA, DE JERUSALÉM. *Antigo e Novo Testamento*. Tradução de Euclides Martins Balancin; Samuel Martins Barbosa et al. São Paulo: Editora Paulinas, 1991.

CAPUTO, Rodrigo Feliciano. O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. *Rev Saber Acad*, v. 6, p. 73-80, 2008.

FEITOSA, Elisa Geralda; DE MIRANDA, Francisco Alves; DA SILVA NEVES, Wilson. *Filosofia: alguns de seus caminhos no Ocidente*. Editora Baraúna, 2014.

MARIANNO, Lília Dias. *A ameaça que vem de dentro: Um estudo sobre as relações entre judaístas e estrangeiros no pós-exílio em perspectiva de gênero*. 2007. 183p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) Universidade Metodista de São Pulo, São Bernardo do Campo, 2007.

PEREZ, Antônio. *El antiguo Egipto*, 2ª. Edição. Madrid: Editora: Acento Editorial, 1997.

SIQUEIRA, Tércio Machado. A Torá à luz do Decálogo (Mandamentos teológicos e éticos). *International Studies on Law and Education*. São Paulo/Porto: CEMORoc-Feusp/IJI-Univ. do Porto, v. 21, p. 99-112.

SOARES, Elizangela Aparecida et al. *Variações sobre a vida após a morte: desenvolvimento de uma crença no judaísmo do Segundo Templo*. 2006. 113p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) Universidade Metodista de São Paulo. São Bernado do Campo. 2006.

WEISS, Brian L. M.D. *Muitas Vidas, Muitos Mestres*. Tradução de Talita M. Rodrigues, Sextante, 1998.

A

Amazônia 2, 3, 9

Apocalipse 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24

Ayahuasca 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9

C

Comunicação 1, 2, 61, 63, 64, 69, 72, 73

D

Daime 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10

Deus 2, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 27, 28, 29, 43, 45, 49, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 66

E

Educação católica 31, 32, 33, 36, 37, 46

Ensino religioso 31, 34, 35, 36, 37

Ética 11, 12, 19, 20, 21, 22

Êxodo 17, 20, 22, 25, 28, 29, 30

H

História 4, 8, 9, 14, 22, 28, 37, 38, 41, 49, 51, 52, 56, 58, 64, 67

Homossexualidade 25

I

Imigrantes italianos 38, 40, 41, 46, 48, 49

Intolerância 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9

J

Jesus 4, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 21, 22, 30, 33, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 66, 75

Judaísmo formativo 51, 52, 53, 59

L

Levítico 25, 26, 27, 29, 30

M

Morte 1, 2, 8, 13, 14, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 46, 52, 55, 64

P

Perseverança 11, 12, 17, 18, 19, 20, 22

Pós-exílio 25, 26, 27, 28, 29, 30

R

Reforma católica 31

Religiosidade 38, 39, 40, 41, 44, 46, 48, 49, 54, 75

Representações do real 61, 63, 72

Romanização 31, 37, 49

Ruptura 51, 52, 54

U

Ultramontana 31

Umbanda 10, 61, 62, 63, 66, 67, 72, 73

TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 